

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



Arquivo e contranarrativa: reavaliações da memória afrodescendente no Brasil

Denise Almeida Silva¹
Universidade Regional Integrada
dasilva@uri.edu.br

Resumo: Pensam-se as imbricações entre arquivo e contranarrativa, considerando-se, como o faz Aleida Assmann, o arquivo como memória potencial ou pré-condição material para memórias culturais futuras. Assim encarado, o arquivo situa-se a meio caminho entre a memória cumulativa, ou de armazenamento, e a memória funcional, repositório de conhecimento que vem, nesse caso, a ser realocado e criticamente examinado. Nessa funcionalidade, o arquivo, antes que um texto de fechamento, torna-se texto de abertura, que leva à reavaliação crítica da história, e à possibilidade de apreciação de versões históricas concorrentes, assumindo função de deslegitimação. Considerando as memórias silenciadas de grupos marginalizados como arquivos, recorre-se a textos da literatura afro-brasileira com o intuito de pensar, como, quando tornadas acessíveis, essas memórias trazem à tona fatos que provocam realinhamento das memórias e das histórias a eles relacionadas.

Palavras-chave Arquivo – Memória – Contranarrativa – Literatura afro-brasileira

Abstract: This text thinks the overlaps between archive and counter narrative, considering as it does Aleida Assmann, the archive as potential memory or pre-condition material for future cultural memories. So viewed, the archive is located midway between cumulative memory, or storage memory, and functional memory, knowledge repository that may be relocated and critically examined. The archive, thus, rather than leading to closure, gestures to critical reappraisal and the possibility of competing historical versions, assuming a delegitimizing function. Considering the silenced memories of marginalized groups as archives, this texts resorts do examples from Afro-Brazilian literature in order to think, how, when made available, those counternarratives bring to light facts that cause realignment of the memories and stories related to them.

Keywords: Archive – Memory – Counternarrative – Afro-Brazilian literature

¹ **Denise Almeida Silva** é Doutora em Letras. É docente pesquisadora do Departamento de Linguística e Artes da URI, atuando no PPGL- Mestrado em Letras e na Graduação em Letras; pesquisa sobre identidade, memória, espaço, literaturas de língua inglesa e literatura brasileira. É membro da ANPOLL, e integrante do GT Relações literárias interamericanas. É editora da revista *Língua & Literatura*, e membro do corpo editorial das Revistas *Literatura em Debate* e *Especiaria*. Organizou o volume *Poéticas do espaço, geografias simbólicas* (2013); é co-organizadora dos livros *Narrativas e mídias na escola* (2014) e *Para ler com prazer* (2015).

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



Esta comunicação pensa as imbricações entre arquivo, memória e (contra)narrativa. Para tanto, salienta, no contexto da formação de memórias coletivas, as revisões que podem vir a acontecer através de disputa entre memórias concorrentes; considerando as memórias silenciadas de grupos marginalizados como arquivos, traz à discussão o conceito de quilombo com o intuito de pensar, como, quando tornados acessíveis, como em contranarrativas contemporâneas, tais arquivos provocam realinhamento das memórias e histórias a eles relacionadas.

Como pensada a partir dos teóricos dos estudos culturais, a identidade opera a organização do pensamento de um indivíduo ou comunidade através do estabelecimento de parâmetros classificatórios que são usados para traçar distinção entre si e seus outros e, ao assim fazer, definir a si mesmo. Por um lado, proveem coesão ao grupo; por outro frequentemente vem a construir parâmetros excludentes com relação a seus outros.

Retomando Pierre Bourdieu, Michael Pollak salienta como a formação de memórias coletivas a partir de tais procedimentos corresponde a uma “forma específica de dominação ou violência simbólica” (Pollak “Memória” 3). Detém-se na análise de “memórias em disputa”, as quais advêm do trabalho de subversão e revisão das memórias hegemônicas e erupção das memórias até então silenciadas, havendo, pois, uma clivagem entre memória oficial e memórias dominadas.

Considerando tais apagamentos, Aleida Assmann refere-se à “perda irreversível do saber ponderado e de experiências vitais” em termos de uma arquivística, já que as ciências históricas correspondem a uma “memória de segunda ordem, uma memória das memórias, que acolhe em si aquilo que perdeu a relação vital com o presente” (Assmann *Espaços* 147). A afirmação se faz no contexto da distinção entre memória e história como dois modos complementares de recordação, os quais correspondem a uma memória funcional, vinculada a um portador (indivíduo ou grupo), e à memória cumulativa, que acolhe aquilo que já perdeu relação vital com o presente.

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



Contudo, mesmo o acúmulo não seletivo de fatos que caracteriza a memória cumulativa pode guardar “vestígios inabitados e *acervos* que ficaram sem dono, mas que podem ser recuperados, de modo a oferecer novas possibilidades de adesão á memória funcional” (Assmann *Espaços* 147, ênfase acrescentada). A produtividade desse modelo memorial baseia-se no fato de que os **limites** entre a memória arquivística, cumulativa, constituída por elementos soltos, não selecionados e interpretados, e a memória funcional, orientadora e seletiva, são móveis:

A estrutura profunda da memória, com seu trânsito interno entre elementos presentificados e não presentificados, é a condição de possibilidade da mudança e da renovação na estrutura da consciência, que sem o pano de fundo daquelas provisões amorfas acabaria por estagnar. (Assmann *Espaços* 149).

Além disso, há a considerar a valoração distinta que indivíduos em tempos e lugares distintos poderão atribuir a um mesmo documento:

“[...] o que é lixo para uma geração pode ser informação preciosa para outra [...] os arquivos [...] são igualmente locais para as lacunas da informação que não resgatam somente as perdas em catástrofes e em guerras, mas também resgatam, de maneira essencial e estruturalmente indispensável, uma ‘cassação equivocada, sob o ponto de vista dos pósteros’” (Assmann *Espaços* 370).

É sobre esse poder de revisão que esta comunicação se detém, refletindo especialmente sobre as memórias silenciadas de grupos marginalizados, que são tomados como arquivos.

Em nosso país, documentos do século XVIII documentos usam o termo com referência a qualquer agrupamento de cinco ou mais negros fugidos e, portanto, fora da lei. Ao final do século IX, revestido de significado de instrumento ideológico contra as formas de opressão, o termo é retomado pela retórica abolicionista, uma vez que, para os negros aquilombados, o quilombo representa reunião fraterna, livre, caracterizada por princípios de convivência e solidariedade. No século XX, especialmente a partir da década de 1970,

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



quilombo passa a ser lembrado como desejo de utopia, ocupando a função de “correção da nacionalidade” (Nascimento “O conceito de” 122-23): face à ausência de cidadania, o ideal de liberdade quilombola é valorizado. Para firmar esta última conotação de igualdade, liberdade e fraternidade, muito contribuem os estudos de Abdias Nascimento, especialmente sua redefinição de quilombismo (ver, por exemplo, Nascimento *O Quilombismo* 2002).

A práxis quilombola evidencia-se recorrentemente na literatura negra brasileira, na qual, com frequência, o Quilombo de Palmares e a figura-chave de Zumbi são reverenciados e ressignificados. Exemplo disso é o poema “Quilombos”, de José Carlos Limeira. Subdividido em seis partes – Memórias I e II, Sonhos I e II, Notícias e Insônia, o poema move-se do ideal de liberdade palmarino à sua negação na sempre renovada escravidão da minoria negra marginalizada, a qual “já nasce com jeito de morte”, e morre em vida “no trem lotado, no barraco caindo/ No camburão, na porrada nos dentes/ No lodo” (Limeira “Quilombos”).

Na seção Memórias I, o eu poético expressa memórias perpetuadas na memória dos negros, os quais lembram Angola-Janga como um lugar onde foram devolvidos ao escravo a liberdade e dignidade que lhes foram roubadas pelo tráfico negreiro. Com nostálgica saudade de um tempo não vivido, o eu lírico abre o poema afirmando seu anseio por um tempo e lugar já idos: “Queria ver você negro/ Negro queria te ver/ Se Palmares ainda vivesse/ Em Palmares queria viver.” (Limeira “Quilombos”)

Esses versos iniciais recorrem, com modificações progressivas, no decorrer do poema, transformando-se em estribilho que implica o contraste entre o ideal palmarino e o presente, quando o negro volta a ser acorrentado pela miséria e desigualdade social e econômica. Ao crescer a memória da violência, o eu lírico não mais apenas deseja viver em Palmares, mas lá ficar: “Negro correndo livre/ Colhendo, plantando por lá/ Se Palmares ainda vivesse/ Em Palmares queria ficar.” (Limeira “Quilombos”). Na sequência, o poema sobrepõe ao massacre ocorrido em Palmares tantos outros que se seguiram na história do Brasil, não mais ordenados por El Rei: ataques quotidianos, alguns

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



miúdos, expressos pela falta de pão, e outros maiores, capazes de atrair as manchetas do jornal. Nas três últimas seções do poema, Crianças, Notícias e Insônia, o desejo por Palmares aumenta cada vez mais: quanto mais aumentam a exploração infantil e a miséria do afrodescendente, tanto mais se faz premente a memória do quilombo, e sua ideologia libertadora:

(vivo pensando em ti) [...]
Como não estar no barulho da britadeira
Na comida azeda, na marmita fria
Como não estar na fome do meu filho
Já nascido com jeito de morte
Como não estar no lio das madames
No cheiro da gordura da pia
Nas bostas dos barões boiando na latrina
Como não estar no trem lotado, no barraco caindo
No camburão, na porrada nos dentes
No lodo. Do fundo de cada cela
Como, se tudo isso sou eu?" (Limeira "Quilombos")

A evocação de Angola-Janga e da emblemática figura de Zumbi, manifestações um tanto óbvias da mística palmarina, estão longe de ser as únicas figuras e formas através das quais é urdida a práxis quilombola na literatura afro-brasileira. Recorrentemente, a linguagem poética opera uma revisão informada pelo olhar do que poderia ter sido, assumindo um papel denunciatório e reivindicativo. É esse o caso, por exemplo, da frequente denúncia da manutenção da escravidão de fato, abolida que foi, por lei, a escravidão de direito. Nesse sentido, a memória da escravidão, recolhida e guardada na memória dos descendentes daqueles que a vivenciaram, revela uma compreensão diferente da propagada pela história oficial, e propõe uma ampliação do termo quando selecionada a partir da ótica dessa população minoritária. Um exemplo: o romance *Ponciá Vivêncio*, de C. Evaristo.

A obra narra a história de uma descendente de escravos que se desloca da vila dos senhores Vicêncio para a cidade grande, em busca de melhores condições de vida, deixando para trás tentativas frustradas de liberdade e realização pessoal. Na cidade, tudo o que obtém é um barraco no morro,

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



trabalho com salário insuficiente e um marido taciturno e violento, tão atormentado pela opressão econômica quanto ela. Em seus momentos de reflexão, a protagonista denuncia a traição do ideal quilombola, e a manutenção de uma escravidão de fato:

De que valera o padecimento de todos aqueles que ficaram para trás? De que adiantara a coragem de muitos em escolher a fuga, de viverem o ideal quilombola? [...] A vida escrava continuava até os dias de hoje. Sim, ela era escrava também. Escrava de uma condição de vida que se repetia. Escrava do desespero, da falta de esperança, da impossibilidade de travar novas batalhas, de organizar novos quilombos, de inventar outra e nova vida. (Evaristo, 2003, p. 83).

Ao se prestar à revisão de histórias silenciadas que se constituem, sobretudo, na revisão memorial distintiva de um povo, a literatura afro-brasileira cumpre função de distinção deslegitimadora, promovendo uma revisão da história, e trazendo à lume, através do trabalho da palavra, memórias silenciadas pela literatura e cultura hegemônica.

Referências

Assmann, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Unicamp, 2011.

Evaristo, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza, 2003.

Limeira, José Carlos. "Quilombos". *Repertório*, Salvador, nº 17, p.195-197, 2011. Disponível em:

<<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revteatro/article/viewFile/5741/4147>>.

Acesso 23 mar 2015.

Nascimento, Abdias. *O quilombismo*. 2 ed. Brasília/Rio: Fundação Cultural Palmares; O.R. Editora, 2002.

Nascimento, Beatriz. "O conceito de quilombo e a resistência cultural negra". In: RATTI, Alex. *Eu sou atlântica; sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Instituto Kuanza; Imprensa Oficial, 2006b. p. 117-127.

IV Congreso Internacional Cuestiones Críticas

Rosario | 30 de septiembre, 1 y 2 de octubre de 2015

Centro de Estudios de Literatura Argentina | Centro de Estudios en Teoría y Crítica Literaria
Maestría en Literatura Argentina / Facultad de Humanidades y Artes - Universidad Nacional de Rosario



POLLAK, Michael. "Memória, esquecimento, silêncio". *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.